

Migrações, Coesão Social e Governação

Perspectivas Euro-Latino Americanas

MIGRATION



IS NOT A CRIME

Andrés Malamud
Fernando Carrillo Flórez
(organizadores)

ICS

Migrações, Coesão Social e Governação

**Perspectivas
Euro-Latino-Americanas**

**Andrés Malamud
Fernando Carrillo Flórez**
(organizadores)



**Imprensa
de Ciências
Sociais**

Imprensa de Ciências Sociais



**Instituto de Ciências Sociais
da Universidade de Lisboa**

Av. Prof. Aníbal de Bettencourt, 9
1600-189 Lisboa – Portugal
Telef. 21 780 47 00 – Fax 21 794 02 74

www.ics.ul.pt/imprensa
E-mail: imprensa@ics.ul.pt

Instituto de Ciências Sociais – Catalogação na Publicação
Migrações, coesão social e governação : perspectivas euro-latino-americanas /
organizadores Andrés Malamud, Fernando Carrillo Flórez. - Lisboa : ICS.
Imprensa de Ciências Sociais, 2011
ISBN 978-972-671-270-1
CDU 314.7



Capa e concepção gráfica: João Segurado
Revisão (espanhol): Luciano Padilla López
Revisão (português): Soares de Almeida
Impressão e acabamento: Gráfica Manuel Barbosa & Filhos
Depósito legal: 330016/11
1.ª edição: Junho de 2011

Igor José de Renó Machado
Fábio Stabelini

Capítulo 5

Remessas como relações: reflexões não economicistas sobre a circulação de remessas entre famílias transnacionais

Introdução

O presente capítulo pretende apresentar uma reflexão sobre o papel das remessas na organização da família dividida pelo fenômeno migratório realizado na cidade de Governador Valadares, importante centro migratório brasileiro.¹ A pesquisa identificou processos sociais que impulsionam a emigração internacional e têm relação profunda com dinâmicas familiares valadarenses (Machado 2006a e 2009). Em torno dessas configurações familiares – moldadas por uma intenção geral de constituição de novos núcleos familiares centralizadores de relações sociais e, portanto, aglutinadores de pessoas – analisamos o significado do envio constante de remessas por entes emigrados em Portugal e nos EUA. A análise pretende entender como o fluxo constante de dinheiro importa para substituir em alguma medida a própria pessoa ausente. A remessa opera como um organizador da relação familiar e a sua regularidade ou ausência aparece como um índice de continuidade ou não de uma relação familiar. As relações podem ser fortalecidas ou enfraquecidas com a

¹ O capítulo baseia-se em trabalho de campo conduzido com familiares de emigrantes (a maioria emigrada em Portugal e nos EUA), numa sequência de cinco trabalhos de campo curtos, de cerca de 50 dias de duração cada um, ao longo dos últimos três anos. Foram realizadas cerca de 90 entrevistas de longa duração. Ellem Saraiva Reis, Alexandra Gomes de Almeida, Thaísa Yamaue, Amanda Guerreiro e Fábio Stabelini realizaram os trabalhos de campo. Agradeço ao CNPq e à FAPESP pelo financiamento da pesquisa.

ausência prolongada causada pela emigração, e tudo depende da sua manutenção por outros meios, que não o da convivência: a circulação de remessas de dinheiro aparece como um substituto simbólico para essas relações que definiriam uma família. A sua manutenção ao longo do tempo significa que os planos originais de constituir um futuro núcleo familiar aglutinador estão ainda a ser construídos.

Perspectivas de gênero e de geração são analisadas em torno deste processo de envio de remessas como índice de continuidade das relações familiares. As perspectivas de gênero dizem respeito principalmente ao caso de homens que emigram deixando esposas como organizadoras do lar. Demonstraremos como uma teia de relações que perpassam um controlo social da sexualidade da mulher é construída em torno da ideia de fidelidade ao marido e respeito ao seu trabalho, materializado a partir das remessas. A acusação de infidelidade é imediatamente relacionada com uma noção nativa de «abuso» do trabalho do marido. Essas acusações, em geral, significam o fim do envio das remessas, como sinal do fim da relação familiar. No que toca à relação de geração, analisámos a importância da remessa na organização da relação entre pais e filhos, indicando o que temos chamado «consumo totémico»: o facto de que determinado tipo de consumo de bens valorizados entre os jovens justifica a migração dos pais, por um lado, e, por outro, produz substitutos totémicos para os pais durante a sua ausência.

Tanto num caso como no outro as remessas operam como estruturadores de relações familiares, assumindo uma dimensão não económica que não tem sido considerada quando se analisa o seu impacto nas comunidades de origem de grupos imigrantes. Obviamente, as perspectivas economicistas sobre o fenómeno têm uma importante contribuição a dar sobre os processos migratórios. Não é nossa intenção debater essa relevância, apenas apontar para outras dimensões também relevantes para o entendimento das remessas de emigrantes. O capítulo pretende oferecer, nessa perspectiva cultural, uma contribuição para o estudo das remessas migrantes.²

A casa e a substância

As migrações transnacionais, em termos de uma reflexão sobre o parentesco, implicam remodelações das noções nativas de parentesco/co-

² Para uma discussão sobre o efeito das remessas em Governador Valadares de um ponto de vista macroeconómico, v. Martes e Soares (2006). Sobre a remessa de brasileiros para Portugal, v. Peixoto e Marques (2006) e Rossi (2007).

nectividade.³ O processo migratório constitui tipos peculiares de família, muitos deles divididos entre espaços amplos, entre estatutos de legalidade e ilegalidade, entre saudades e preconceitos. Interessa neste texto a construção de projectos familiares num contexto de contínua ausência física. Os casos que analisamos aqui tratam de emigrantes que deixam famílias que dependerão, em alguma medida, do seu trabalho. Procurámos entender como se estrutura a continuidade da relação, as formas de expressar os sentimentos, as consequências da ausência prolongada de um familiar e os processos sociais disparados pela existência de famílias constantemente «incompletas».

Estas questões são investigadas tendo como cenário a região brasileira de Governador Valadares, reconhecido centro de emigração internacional. A história da cidade de Governador Valadares (Minas Gerais, Brasil) está intrinsecamente ligada ao fluxo emigratório internacional. Desde o último quarto do século passado a cidade tornou-se uma espécie de capital nacional da emigração. Como indicam vários autores (Assis 1999, Soares 1999 e Fusco 2001, por exemplo), essa movimentação destinava-se principalmente aos EUA. A emigração de valadarenses para os Estados Unidos ocorreu mais intensamente ao longo das últimas três décadas, o que levou a restrições à entrada e permanência em solo estadunidense a partir da não concessão de vistos de forma mais abrangente. Uma das consequências dessas restrições foi a busca por novos destinos, dos quais Portugal é o mais importante.

A pesquisa desenvolvida em Valadares indicou determinadas configurações culturais entre a população de baixos rendimentos, principal grupo emigrante da cidade (Machado 2009). Estas configurações tratam da importância dada à constituição de novos núcleos familiares independentes, numa espécie de segmentação generalizada. Cada nova unidade pretende-se centralizadora das relações sociais nas quais o casal participa. A nova unidade seria uma forma de conquistar para si o lugar central de núcleo de uma série de relações nas quais o novo casal participava de forma subordinada. Para conquistar essa autonomia «relacional», o índice principal é a posse de uma casa própria, na qual o convívio seria centralizado. Associamos essa prática cultural à noção levistraussiana de *casa*.

Em 1984, Lévi-Strauss promoveu uma reflexão sobre as «sociedades de casa» (*société à maison*), indicando paralelos entre a valorização do cog-

³ Uso o termo «conectividade» para traduzir a ideia de *relatedness*, proposta por Carsten (2004), seguindo a tradução de Fonseca (2007). Para uma discussão sobre família transnacional e conectividade, v. Machado, Silva e Kebbe (2008) e Machado (2006a).

natismo no seu interior, a desvalorização do «idioma do parentesco» e um fortalecimento das esferas políticas e económicas. A casa apareceria como uma pessoa moral, no seio da qual se desenvolvem os principais aspectos da vida social. Segundo Lévi-Strauss, a *casa* define-se como:

[...] pessoa moral detentora de um domínio que se perpetua pela transmissão do seu nome, da sua fortuna e dos seus títulos em linha real ou fictícia, considerada legítima somente na linguagem do parentesco ou da aliança e, na maioria dos casos, das duas linhas em conjunto [Lévi-Strauss 1986, 186].

Ou ainda:

Casa, diferente de família, não coincide com a linhagem agnática, que às vezes é até destituída de base biológica e consiste numa herança material e espiritual que compreende a dignidade, as origens, o parentesco, os nomes e os símbolos, a posição, o poder e a riqueza [Lévi-Strauss 1999, 22].

Autores contemporâneos como Carsten e Hugh-Jones (1995) têm caminhado para uma «ampliação» das ideias de Lévi-Strauss, sublinhando estas considerações a que chamam revigoração dos estudos de parentesco. No que se refere a Carsten (2004), vemos que o interesse recai não sobre a ideia da casa como uma pessoa moral (ideia da qual ela se afasta), mas sobre a casa como um universo de construção das relações mais fundamentais da vida de pessoas ao redor do globo. Ao reelaborar uma análise sobre a *casa*, Carsten recorre a noções como *corpo*, *pessoa*, *género*, *substância* e *parentesco*. Analisar estas dimensões do vivido na *casa* é observar outras «relações de parentesco» que não são consanguíneas segundo concepções ocidentais, mas são construídas através da morada em comum. Habitar com outros insere os sujeitos em sistemas de trocas que *relacionam* e/ou criam parentes.

Assim, podemos perceber, em diferentes contextos etnográficos, o modo como o parentesco é «feito» em oposição a um parentesco «dado». A casa aparece como a produtora do parentesco, visto como conjunto de relações, livres do «império do código» *versus* o «império da natureza», na concepção de Schneider (1968).⁴ Foi Schneider (1968) quem destacou

⁴ Note-se que esta perspectiva de Carsten é muito influenciada pela crítica de Schneider de 1984 num livro em que ele pouco cita Lévi-Strauss. E quando cita é para o tratar como funcionalista, em consonância com críticas que ele conduziu em 1974 juntamente com James Boon (Schneider e Bonn 1974). Autores mais cuidadosos com o trabalho de Lévi-Strauss poderiam argumentar que a teoria da aliança só pode ser sobre a fabricação do parentesco, em oposição ao parentesco como um dado *a priori*.

a distinção entre a ordem da natureza e a ordem da lei, ou entre substâncias e código, nos estudos de parentesco. Posteriormente, em 1984, argumentou que a teoria do parentesco estava fundada em preceitos ocidentais, que privilegiam os laços derivados da reprodução sexual, e que estes pressupostos não poderiam necessariamente ser aplicados a outras sociedades. O desenvolvimento dessa crítica por outros intelectuais levou à constatação de que questões como casamento, estruturas familiares, condições de procriação, herança, etc., importavam muito noutras áreas tradicionais dos estudos antropológicos, como a área de género e construção da pessoa (Yanagisako e Collier 1987).

Em Valadares identificamos a relevância e necessidade imperiosa da casa (própria) entre as famílias transnacionais da cidade. Essa casa, como suporte para a *casa*, é um dos impulsores da emigração, já que o principal objectivo de quem emigra é comprar casa própria, quando se trata de emigrantes casados que deixam parte da família no Brasil. O projecto da emigração é pautado pela quantidade de dinheiro suficiente para comprar ao menos uma casa própria.

O caso dos bairros pobres de Valadares, de onde saem os emigrantes na sua maioria, é semelhante ao de Java e Bornéu, analisados por Lévi-Strauss (1986), pela centralidade do casal na estruturação das relações de parentesco, mas o antagonismo que a composição de novas *casas* implica é ainda mais acentuado, pois não há vontade de «continuar» algumas das famílias originais. Este aspecto, entretanto, não significa falta de continuidade das *casas* apenas em hierarquização sucessiva e contínua entre *casas*. Um mesmo conjunto de pessoas que se ligam por parentesco convive com várias *casas* com níveis distintos de capacidade de aglomerar relações e pessoas. Trata-se, por assim dizer, de uma segmentação rápida.⁵

Cada *casa*, na prática, dura apenas a vida do casal. Morar numa habitação no terreno dos pais é ainda participar na *casa* dos pais, subordinadamente. Temos uma *casa à Lévi-Strauss*, em grande medida, pela sua centralidade na organização da estrutura social local, pela sua relevância na organização do parentesco e da posse territorial e, claro, por dar impulso à migração internacional, como um atalho rápido para a centralidade. Esta ideia da *casa* valadarense (das camadas pobres da população) depende de uma perspectiva dinâmica a respeito da montagem e desmontagem de relações: é uma espécie de *casa* relacional, mas ligada a cada casal, como centro de si mesmo.

⁵ Este argumento foi sugerido por Marcos Lanna.

Convém distinguir a casa (habitação) da *casa* (centralidade de relações do casal), pois a segunda ampara a estrutura social e explica a movimentação internacional e a primeira é uma necessidade para a existência da segunda. Os emigrantes partem para construir *casas* e para isso precisam de recursos para construir uma casa (habitação) que dê condições e sustentabilidade àquelas. Também devemos matizar esse descolamento da *casa* dos pais, já que não se trata, necessariamente, de pais biológicos: a *casa* com a qual se «rompe» para formar a própria pode ser capitaneada por pais, tios e até não-parentes. Rompe-se com a *casa* na qual se inseria anteriormente.

A contradição deste processo é que, durante a ausência de um ou de ambos os membros, a casa (habitação ainda não própria) na qual as suas relações vinham sendo construídas resulta incompleta: um marido ausente significa a ausência da produção quotidiana do parentesco, da co-substancialidade, das *relações*. Contra essa incompletude paira o risco constante de esfacelamento e des-substancialização e o elemento crucial desse risco é o sémen alheio (como veremos na parte que discute a fofoca) ou a hiperprodução de substância (filhos fora do casamento).

Esse risco não é novidade nem inconsciente: todos os que se arriscam na aventura migratória têm plena consciência desse perigo. Todos sabem que as relações serão colocadas em risco. Isso apenas atesta o valor que a *casa* própria, como lugar de reconstrução de centralidades nas relações, tem para os sujeitos. Um dado interessante e que destaca a importância da *casa* é que parte considerável das pessoas que concluem o projecto de migração retorna e constrói as suas casas nos mesmos bairros em que viveu até ao momento de sair do país.⁶ Como, na maioria dos casos, os emigrantes são pessoas de baixos rendimentos, viviam em bairros pobres da periferia da cidade. Assim, as casas que são construídas com o dinheiro da migração, quando essa foi bem sucedida, destoam da maioria das casas do mesmo bairro. Temos, na periferia, um contraste entre casas enormes – sobrados com até mais de um andar além do piso térreo – e barracos de lata ou casas de extrema simplicidade.

Assim, a casa toma outro sentido: é através dela, pelas construções destoantes, que o ex-emigrante expõe para a sua comunidade o sucesso da aventura fora do país. Além disso, ainda dá conta de expressar a continuidade da família, depois do período desgastante que consiste na au-

⁶ Isso não significa que o impacto imobiliário da emigração se faça sentir apenas nos bairros da periferia (v. Soares 1995 para uma discussão abrangente sobre o tema).

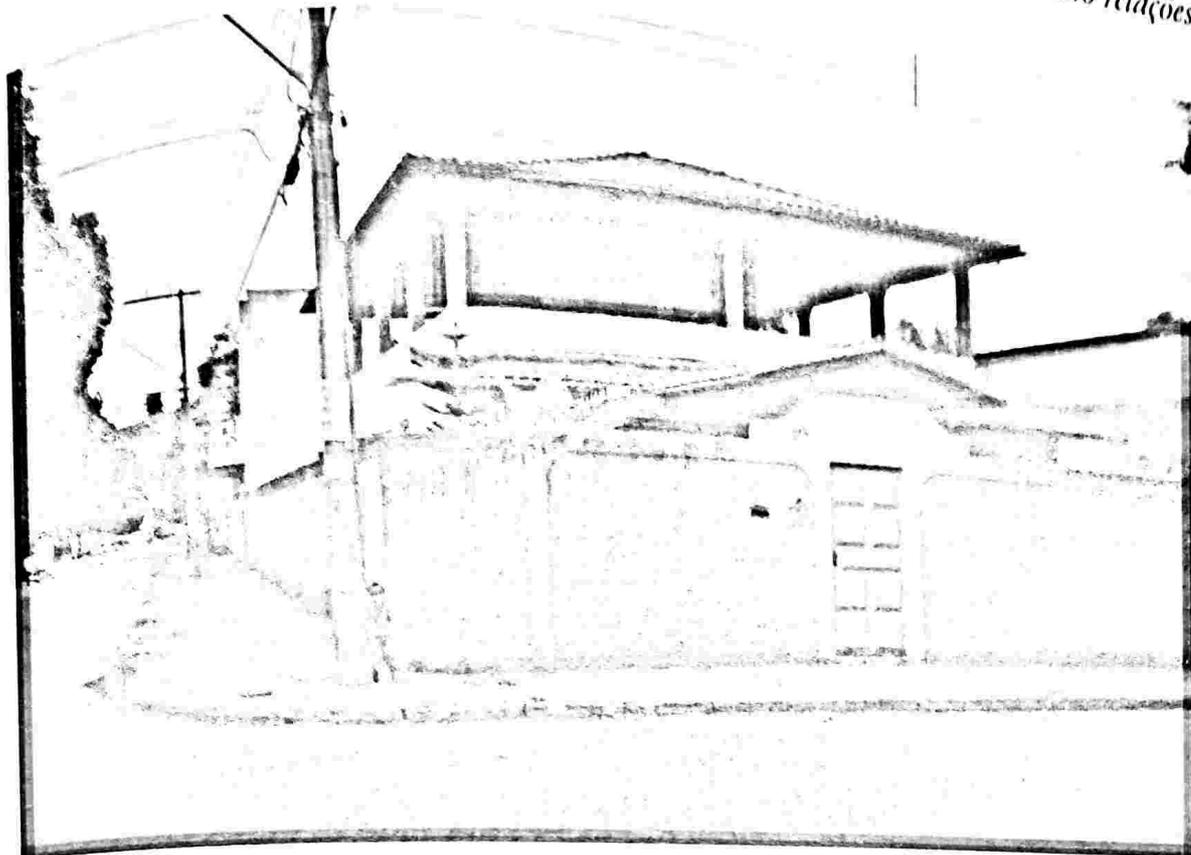


Foto: Fábio Stabelini

Foto 1 - Casa de ex-migrante em bairro pobre de Governador Valadares

sência de um dos membros principais dessa instituição. Cito Marshall Sahlins para dar continuidade à discussão:

O valor de uso não pode ser compreendido especificamente ao nível de «necessidades» e «desejos» – precisamente porque os homens não produzem simplesmente «habitação» ou «abrigo»: eles produzem unidades de tipos definidos, como uma cabana de camponês ou o castelo de um nobre. Essa determinação de valores de uso, um tipo específico de construção como um tipo específico de lar, representa um processo contínuo de vida social na qual os homens reciprocamente definem os objectos em termos de si mesmos e se definem em termos de objecto [Sahlins 2003 (1976), 169].

A casa derivada do dinheiro vindo do exterior, vista dessa maneira, adquire duas novas funções: ao expor o sucesso do projecto de emigração, realizado pelos seus proprietários, actua como agente diferenciador e classificatório num contexto local de comunidade, relacionada com a vida do proprietário desde o início (residia no mesmo bairro antes de imigrar). E, se, por um lado, é diferenciador perante a comunidade que vive no bairro, opera como agente de reconhecimento de pertença à instituição familiar. Portanto, para nós, a casa (habitação) é aqui tratada como uma espécie de «totem». Revela, por si, a noção de pertença à instituição família, que, depois do projecto de migração concluído, exhibe

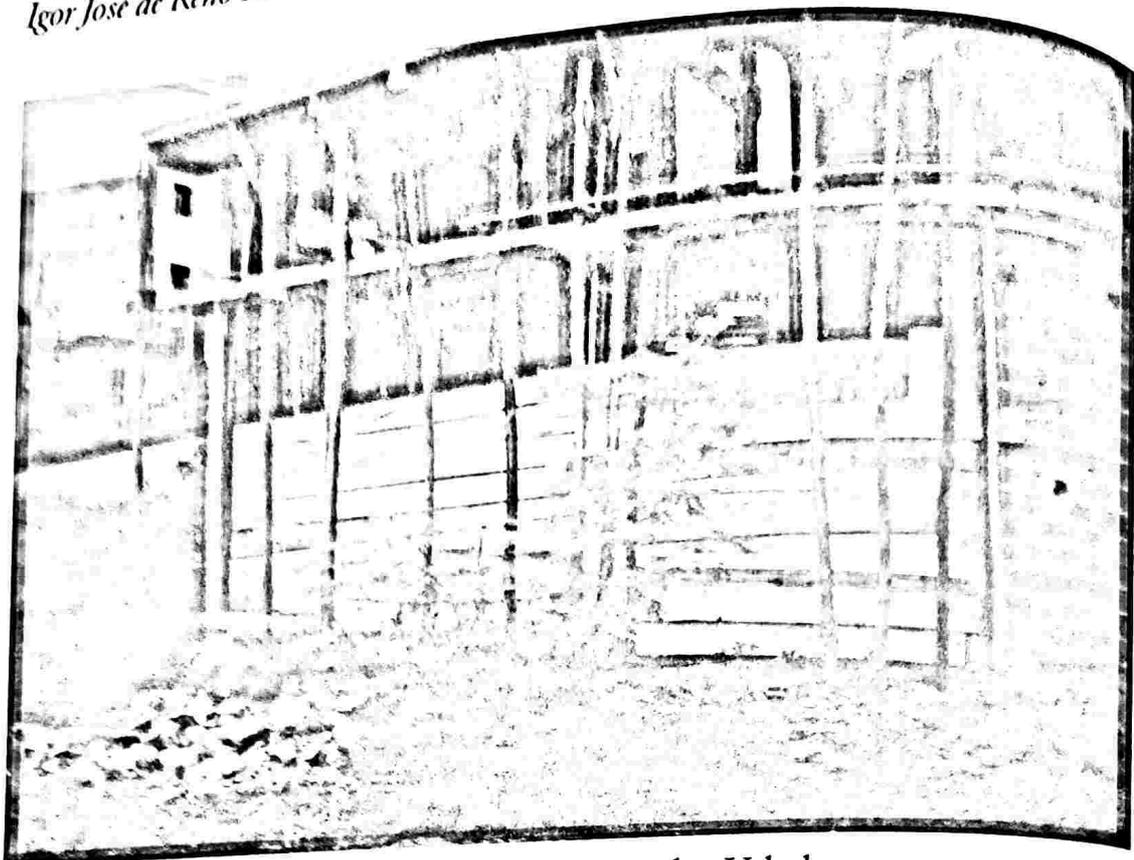


Foto: Fábio Stabelini

Foto 2 - Obra parada num bairro de Governador Valadares

os resultados do mesmo através dela, diferenciando-se num contexto local.

As casas também simbolizam o fracasso do projecto familiar, petrificado no grande número de obras paradas e abandonadas, fenómeno muito visível na periferia da cidade. Na sua maioria, trata-se de casas que umas vezes são abandonadas ainda nos alicerces ou outras vezes já nos acabamentos. É recorrente a imagem de obras com estruturas já danificadas pelo tempo, que se encontravam paradas, algumas com mato a brotar das suas bases. Essas casas representam os projectos de emigração que não deram certo, em contraposição com as belas casas que são construídas nos bairros pobres que revelam o sucesso do projecto. As ruínas de casas em construção são evidências de interrupções de fluxos de remessas, de fluxos de parentesco, portanto. Essa interrupção indica a desorganização daqueles planos iniciais de construção de *casas*, expondo arquitectonicamente o falhanço em centralizar as relações.

Implicações da ausência

Uma vez entendido o processo de construção de *casas* e a sua relação com a emigração internacional valadarense, passemos a analisar alguns

efeitos práticos da ausência prolongada de membros familiares num cenário emigratório. Vimos que a vontade de construção de *casas* impele de alguma forma à emigração (Machado 2009). Vimos que esse processo impõe alterações dinâmicas nas práticas de parentesco que precisam lidar com a ausência constante de membros do núcleo familiar. Vimos que a forma encontrada de suprir a ausência e as suas conseqüentes produções de co-substancialidade é uma substituição simbólica da presença pelo fluxo de dinheiro e bens. O fluxo de remessas opera como estruturador das relações de parentesco: indica a continuidade da família e dos planos iniciais de construção de *casas*. O fluxo de dinheiro sustenta a família no Brasil, permite o sonho de comprar casa própria e também assume outras conotações, ligadas à sua característica de substituidor formal da relação com o membro ausente.

Veremos a seguir duas dessas conotações em termos etnográficos. A primeira trata de demonstrar como a interrupção do fluxo significa o fim das relações, focando as circunstâncias que os casais enfrentam na situação de ausência prolongada. A segunda trata de reflectir sobre o modo como o fluxo assume formas inesperadas de substituição da ausência: a transformação do dinheiro em determinados bens ou mesmo o envio directo de bens como presentes ganham funções inesperadas. Interpretamos essa passagem do dinheiro aos bens específicos como uma espécie de totemismo emigrante, constituindo determinados produtos em fetiches estruturadores de relações. Os bens «servem» para manter relações e também para expor aos demais que as relações se mantiveram, com conotação dupla: eles estruturam e comprovam a existência de relações.

É importante ressaltar que, embora as remessas apareçam como substitutos da presença do ente ausente e operem como continuadores da relação, isso não significa que as pessoas sintam que o fluxo de dinheiro é equivalente à presença de quem emigrou. No âmbito dos sentimentos, a sensação é que o dinheiro não substitui a presença, mas ao menos indica que num futuro qualquer as pessoas da família se reunirão novamente. Ou seja, há uma análise formal de como as relações se estruturam, e afirmamos que o fluxo de dinheiro é fundamental na sua estruturação quando uns ou mais entes estão ausentes. Mas essa análise não implica afirmar que o fluxo de dinheiro e a presença do ente são qualitativamente semelhantes. Do ponto de vista dos sujeitos, os bens e o dinheiro são um pálido substituto de quem emigrou. Porém, se são incomparáveis, são também, desse ponto de vista, índices indispensáveis da continuidade da relação.

O fim das relações e as remessas

Uma questão importante relaciona-se com a ausência dos maridos no cotidiano das esposas que permanecem no Brasil: as entrevistas demonstram que há uma suspeição permanente sobre as mulheres, em geral capitaneada pela família do marido ausente. O mesmo não se pode dizer quando é o marido que fica, devido a termos acesso a apenas uma história desse teor. Quando é o casal que se muda,⁷ obviamente, não acontece nada disso, embora muitas vezes a mulher emigre posteriormente para se juntar ao marido justamente para se livrar das fofocas que esta situação gera. Na percepção dos entrevistados, a *casa*, como centro das relações de um núcleo familiar, só funciona se for «completa», isto é, se houver a presença do marido; caso contrário é vista como suspeita, ameaçadora. As mulheres nesta situação têm como alternativa uma reconstrução dos arranjos de morada: levam as próprias mães para morar com elas. De certa forma, a mãe substitui a figura do marido, dando «confiabilidade» àquela casa. A entrevistada Joelma conta-nos, por exemplo, que alguém, que ela imagina ser da família do marido, a denunciou ao conselho tutelar⁸ porque não cuidaria bem dos filhos. A visita do conselho nada pôde provar contra ela, mas ela ficou em alerta redobrado contra as fofocas que a sua situação de «viúva de marido vivo» desperta.

A maior fonte de fofoca é o comportamento sexual da esposa do migrante ausente: as suspeitas de traição podem acabar com o relacionamento, fim que é consumado com a interrupção das remessas de dinheiro. Ou seja, a remessa aparece constantemente como um índice de continuidade da relação. Quando a remessa deixa de fluir, o casamento está em risco, e mesmo a relação entre pais e filhos pode estar em risco. Outro entrevistado contou-nos que a respeito da mulher nunca surgiram comentários, pois ela preferiu morar com a própria mãe, evitando que ficasse sozinha com os filhos. Aconteceu com este emigrante o contrário, também muito frequente: as fofocas diziam que ele havia arrumado outra família em Portugal.

Aqui temos uma situação similar e inversa à traição feminina apenas na aparência: a traição masculina não ameaça tanto o casamento, uma

⁷ Sobre a relação entre casais que emigram e os filhos que permanecem em Governador Valadares, v. Machado e Almeida (2007).

⁸ O conselho tutelar é um órgão público municipal de carácter autónomo e permanente existente em todos os municípios brasileiros, cuja função é zelar pelos direitos da infância e juventude.

vez que o dinheiro da remessa continue a fluir. Ou seja, a capacidade de produzir a substância que alimente e construa as relações é eminentemente masculina, não cabendo à mulher muito que fazer quando recebe denúncias. Ela não pode *ter a certeza* e enquanto o marido envia o dinheiro há a evidência de que o casamento e os planos originais continuam a existir. O desnível das relações entre homem e mulher fica evidente no peso da traição de cada um: se a mulher trai, o casamento tem grandes chances de acabar, enquanto, se é o homem a trair, o casamento não acaba necessariamente. E, acima de tudo, é o fim das remessas que sinaliza o fim das relações, o que fica, no caso, por conta da iniciativa do homem.

Noutro caso, a mulher de outro entrevistado levou a irmã para morar com ela quando o marido emigrou: ficar só numa casa com os filhos parece altamente reprovável numa lógica moral nativa. Às vezes, mesmo morando com outras pessoas, a fofoca ameaça os casamentos: foi o caso de mais um entrevistado cuja esposa foi morar com a mãe mas mesmo assim foi alvo de suspeitas. Ela lembra que, quando o marido foi para Portugal, «colocaram até homem na minha cama». O sentimento de falta de protecção foi tão grande que ela preferiu emigrar e deixar os filhos para salvar o casamento. A vigilância também implica discriminações às amizades das esposas. Uma das entrevistadas contou-nos que teve de abrir mão de uma amizade com uma mulher que tinha o marido no exterior, já que a família do marido não via com bons olhos essa amizade. A amiga tinha fama de trair o marido e poderia, de certa forma, *contaminar* a sua imagem. Outro caso revelou um casamento destruído que ruiu devido à fofoca de vizinhos, que atingiu em cheio a honra do marido. Embora a esposa jurasse inocência, o marido não aceitou as argumentações e o casamento acabou.

São vários os relatos sobre o enorme preconceito que atinge as mulheres cujos maridos emigraram. Isso leva muitas mulheres, para evitar qualquer «conversa», a morar com as próprias mães e algumas até chegam a morar com as sogras. Vemos que esse preconceito implica novas configurações de morada, enquanto o projecto da migração se desenvolve. Acontece uma reorganização da casa, pois a mulher não deve morar sozinha com os filhos. A presença da mãe sempre ajuda a evitar o surgimento de «conversas» e, além disso, a mãe oferece ajuda para criar os filhos.

O sexo da mulher com algum outro homem que não o marido emigrante representa uma ameaça à *casa* que se pretende construir, como uma intrusão de substâncias indesejadas, como sinal de desonra do homem. Por isso a circulação de boatos sobre a integridade sexual das

mulheres que ficam é tão relevante no cenário de Valadares: os boatos podem destruir os projectos de *casa* de um casal, e a responsabilidade pelo falhanço cabe muito mais à mulher, numa clara assimetria. Os homens podem, ou podem mais do que as mulheres, ter relações extraconjugais quando ausentes, pois, segundo as perspectivas dos entrevistados, parece que isso não ameaça os projectos da *casa*, a não ser que resulte em abandono do projecto original. O problema da traição masculina é a possibilidade de criar novos filhos, e um novo projecto de *casa*, agora no exterior, às escusas do plano original. Há, nesse caso, uma produção de relações permeadas pela abundância de substâncias (a produção de filhos) que se sobrepõe às relações anteriores, geradoras do projecto inicial de emigração. O primeiro sintoma da des-substancialização das relações «originais» é a interrupção do fluxo de dinheiro, aquele substituto simbólico para as relações de substância de um casal (sexo, comensabilidade e vida quotidiana compartilhada). Enquanto o fluxo de dinheiro se mantém, ele opera como um substituto para as relações produzidas no interior da *casa* e como uma espécie de «sangue simbólico», que prende e mantém as relações operantes e os planos iniciais em vigor.

A traição feminina é mais condenada, pois parece que a desonra que ela implica também des-substancializa violenta e rapidamente aquelas relações do casamento: é como se o sémen alheio fosse uma substância que contaminasse definitivamente um conjunto de relações, desonrando o marido e levando ao fim imediato daquelas relações. Nesse caso, o que resta é a briga pela posse dos filhos, as disputas sobre a manutenção legal do fluxo de dinheiro (pensões) e as desavenças entre a ex-mulher e a família do marido ausente. Em muitos momentos, a fofoca causa a suspensão temporária do projecto migratório e o marido regressa para se certificar da veracidade ou não dos boatos. Essas voltas são seguidas de grandes rupturas ou pela normalização do relacionamento e pela subsequente volta do marido para a emigração.

É por causa dessa suspeição compulsória da «viúva de marido ausente» que muitas delas adoptam a estratégia de morar nas casas dos sogros para se manterem conscientemente sob vigilância, ou ainda levam para morar consigo as próprias mães, num sinal de que a casa não está vazia. A submissão voluntária a essas estratégias de legitimação do comportamento atestaria publicamente o comprometimento com o projecto migratório da família, no desejo de construir *casa* própria, resultando na manutenção do fluxo de dinheiro.

Do fluxo de dinheiro aos bens totémicos

Estamos a discutir a reordenação das noções de parentesco no âmbito familiar, e os dados permitiram-nos entender que essa reordenação implica também reavaliar outras noções clássicas dos debates antropológicos, no caso a de totemismo. Seguindo um percurso de análise sobre a qualidade de totemismo em sociedades capitalistas (Machado 2000 e 2006b), anteriormente visto como instrumento de coesão para as sociedades ou como ordenador simbólico de diferenças entre grupos na sociedade, vemos agora como ele parece também fazer parte do universo da família.⁹ Os dados indicaram que em Valadares seria na materialização das remessas de dinheiro enviadas do exterior que a família se reconheceria enquanto instituição, promovendo um sentimento de pertença entre os seus membros.

Nas entrevistas realizadas em pesquisa de campo é recorrente o discurso que revela que o dinheiro e, principalmente, os presentes enviados directamente do exterior têm a função de suprir a ausência do ente. Mais do que isso, o dinheiro enviado parece ter a função de dar continuidade a laços que são rompidos a partir do momento em que não mais se constata a presença física do membro da família, ou seja, é somente pelo envio de remessas de dinheiro, que conseqüentemente são materializadas em bens de consumo, que a unidade familiar é assegurada e o sentimento de pertença à instituição é afluído.

Assim, ficou evidenciada a problemática principalmente quando se tratava de famílias com filhos. A maior incidência de envio de presentes é de produtos de alta tecnologia despachados directamente do exterior, principalmente celulares, *videogames* e outros produtos de tecnologia ainda não lançados no Brasil, ou de difícil acesso, tratando-se de populações de baixos rendimentos.

O *videogame* do modelo *PlayStation* (ilustrado na foto 3) foi enviado para o Brasil por um entrevistado que ficou três anos em Portugal. A figura reflecte bem o que procuramos sobre os produtos enviados à família e comprados com o dinheiro que é ganho durante o projecto de emigração. O primeiro facto que nos chamou a atenção foi a cor do produto, que não era então comercializado no Brasil dessa forma (somente na cor preta), o que já sugere uma diferenciação entre os objectos. Ainda, a bandeira de Portugal é evidenciada através de um adesivo colado na parte

⁹ Para uma discussão muito mais aprofundada dessa discussão sobre o totemismo em sociedades capitalistas, v. Machado (2006a) e DaMatta e Soárez (1999).

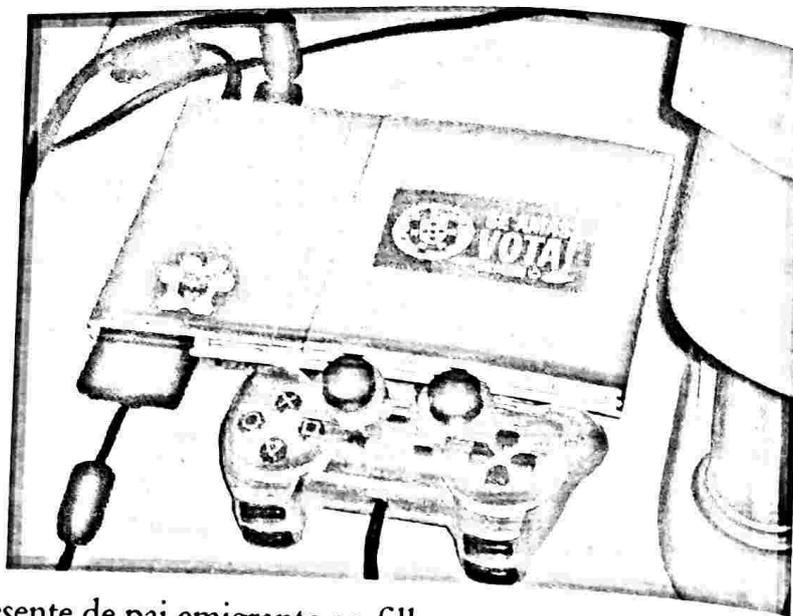


Foto: Fábio Stabelini

Foto 3 - Presente de pai emigrante ao filho

superior do aparelho. No adesivo aparece a inscrição: «Se amas, vota.» Toda esta ilustração nos sugere que o objecto não foi enviado para o Brasil *somente* como um presente para a família. Além disso, reafirma os laços entre o ente que não é mais observado como presença física no âmbito familiar, mas sim por esse tipo de ligação: enviando presentes à família que sugiram uma continuidade dos laços afectivos e ainda dêem conta de aproximar a família que permanece no Brasil com a sociedade para a qual o pai emigrou.

Podemos citar mais um exemplo com a foto 4. Neste caso, a entrevistada conta-nos que o marido, há três anos nos EUA, enviou dinheiro para comprar um computador, completo e de última geração, para o filho do casal. Nesse facto, o que nos chama a atenção é a fala da entrevistada, que nos diz que o *computador era para fazer o menino ficar mais dentro de casa*, pois era só chegar da escola que já saía para a rua. Portanto, forneceu-nos um exemplo claro de que, além das propriedades que esse objecto revela para a família (já citadas no caso do *PlayStation*), aqui o produto funciona como agente da educação que os pais pretendem passar para o filho, mesmo estando um deles fora do Brasil. É um instrumento para demonstrar que a rua não é um lugar bom para a criança frequentar. O pai, portanto, *faz-se presente* na forma do computador, que era um desejo do filho.

Aqui as remessas assumem uma conotação claramente diversa de um interesse económico. O bem é uma espécie de «educador à distância» e aquilo que deveria ser construído na presença dos pais (a educação dos filhos) vem sendo construído com objectos totémicos enquanto media-

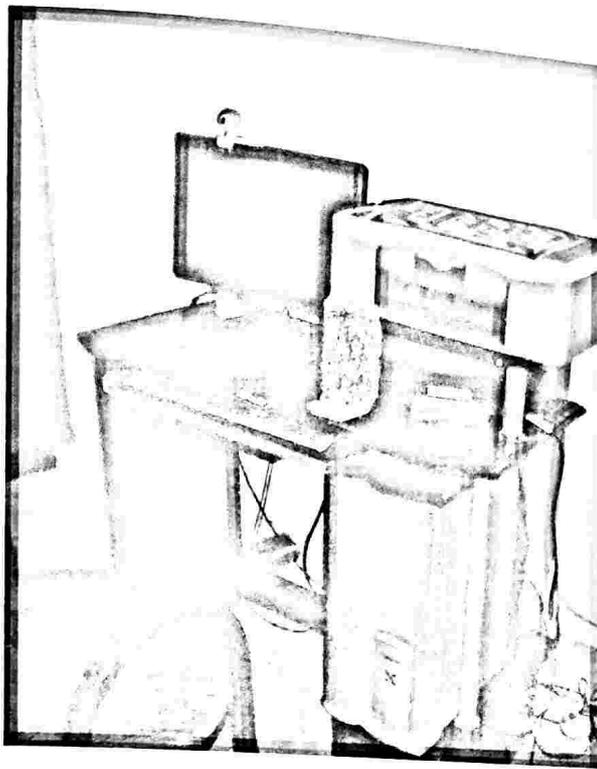


Foto: Fábio Stabelini

Foto 4 – Outro presente de pai emigrante para o filho, este com a intenção de manter o filho em casa

dores das práticas. O computador substitui o pai não apenas na sua ausência, mas no seu papel de educador. O fluxo de dinheiro aqui também significa uma reordenação das formas de constituir as subjectividades das crianças: sem a completude do casal, os objectos «entram em acção» para auxiliar a recompor a completude da relação. Tudo isto reforça o argumento de significação dos bens materiais, que agiriam como operadores do reconhecimento de pertença à instituição familiar. Esmiuçada a teoria, temos um exemplo claro de totemismo no contexto da família.

Ainda outro exemplo. Aqui o entrevistado conta-nos sobre os celulares (foto 5) que acabara de trazer de Portugal, regressando de um período de aproximadamente três anos nesse país. Ao mostrar-nos os aparelhos,

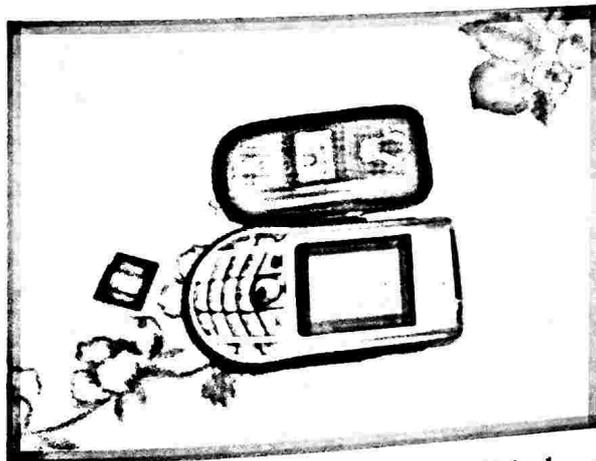


Foto: Fábio Stabelini

Foto 5 – Itens valorizados nos contextos de mobilidade valadarense



Foto: Fábio Stabelini

Foto 6 – Presentes para consolidação futura da *casa*

conta que possuem novas tecnologias – 3G – que acabaram de ser lançadas no Brasil, mas já são comuns na Europa ou nos EUA. Esses aparelhos, que pertencem, um, a ele, e outro, à esposa, destoam da realidade dos bairros pobres valadarenses, uma vez que o preço para se importar um produto como esse é, sem dúvida, muito alto para os padrões locais. Os celulares representam também todo o processo de emigração ao qual esse entrevistado se submeteu de acordo com a sua família. O presente para a esposa é uma forma de suprir a ausência, uma vez que não são mais constatados os contactos físicos e imediatos. Ora o bem em questão é, obviamente, um comunicador, indicando mais uma vez um objecto que opera como um mecanismo de recomposição da completude do casal, sempre ameaçada pelo processo migratório.

Apontamos um caso diferente. Temos, ilustrada na foto 6, uma geladeira que foi comprada com o dinheiro que outro entrevistado enviava de Portugal para a família – esposa e um casal de filhos – que permaneceu no Brasil. Aqui a conversão das remessas de dinheiro enviadas de fora funcionou de forma a dar condições materiais para a casa (habitação). Além de empregar o dinheiro em electrodomésticos indispensáveis à vida em família, a esposa comandou a construção dos alicerces e dos primeiros cômodos da casa, que, depois da volta do marido, seria acabada com a construção de outro piso superior, onde a ideia é construir três quartos. Como esse entrevistado havia voltado recentemente de Portugal, a obra estava ainda na fase de assentamento dos tijolos, serviço executado por ele mesmo. Nesse contexto, as remessas transformadas em bens de con-

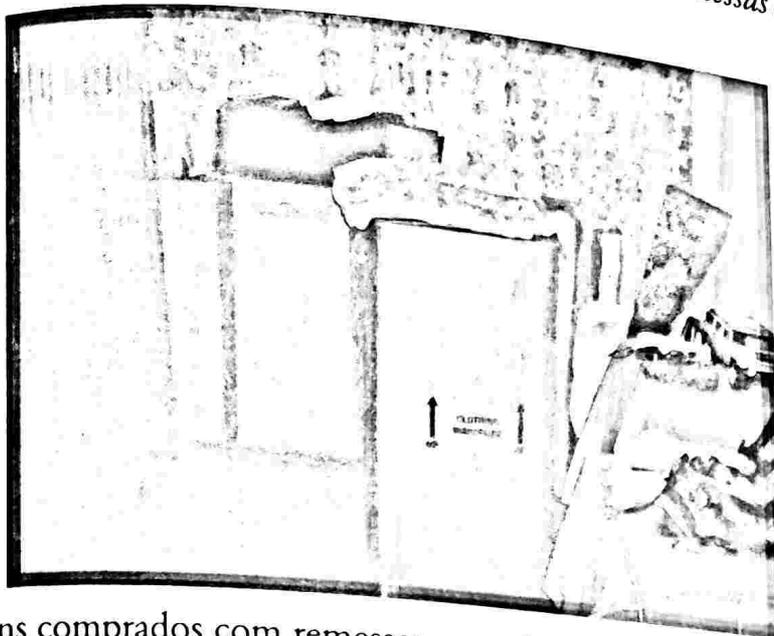


Foto: Fábio Stabelini

Foto 7 - Bens comprados com remessas, constituindo a materialização de um projecto familiar

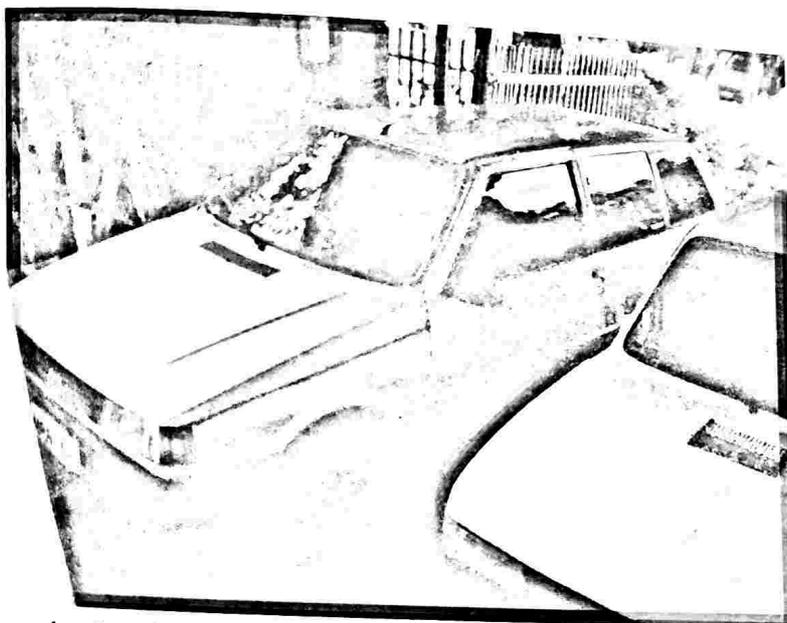


Foto: Fábio Stabelini

Foto 8 - Automóveis adquiridos com o envio de remessas, outro índice de sucesso do projecto de emigração

sumo assumem o papel de condição material para a existência da casa (habitação), de modo a possibilitar o aparecimento de uma *casa* (centralidade das relações familiares). Assim, os bens indispensáveis para o ambiente doméstico, adquiridos a partir das remessas enviadas, dão o subsídio para a família se reconhecer enquanto tal. A *presença* desses bens em torno da esposa indicava a intensidade dos laços familiares e a *tangibilidade* do marido ausente.

No caso de um casal que emigrou para os Estados Unidos a fim de construir uma casa, o projecto de emigração teve de ser interrompido antes do tempo previsto por motivo de doença que a mulher desenvolveu.

Mesmo assim, o casal comprou e mobilou a casa, que agora abrigará a sua família (ainda não têm filhos). A esposa conta que, se não fosse a opção do casal em trabalhar ilegalmente fora do país, teria sido impossível comprar a casa, electrodomésticos (que, no momento do trabalho de campo, estavam a chegar por navio, directamente da «América») e uma moto, tudo o que estava no plano inicial do casal. Da mesma forma que no caso anterior, o projecto de emigração garante a casa (habitação), os componentes indispensáveis para que nela se habite e, dessa forma, o reconhecimento da família enquanto instituição.

Noutro caso, a emigrante conta que deixou o filho e o marido no Brasil para ganhar o dinheiro necessário para mobiliar a casa, garantir a educação do filho e comprar um carro. Só possíveis, segundo ela, através do uso do dinheiro fruto do projecto de emigração. Este fornece o meio necessário para que a família valadarense se constitua como instituição autónoma e legítima nos bairros pobres de Governador Valadares.

Os dados colectados parecem, portanto, confirmar que as remessas se transformam em bens que assumem significado, apontando para a materialização das relações quotidianas, em relação às famílias envolvidas nos processos de emigração. Esses processos são internalizados como meio pelo qual a família consegue, perante a comunidade, legitimar-se enquanto tal e, perante os seus membros, promover o sentimento de pertença à instituição mesmo quando as relações quotidianas são remodeladas por motivo da ausência de um membro do seu núcleo. É então através dos bens que são resultado do projecto de emigração, pensado e desenvolvido pela família, que esta expõe o sucesso daquele, reconhecendo-se e sendo reconhecida, na e pela comunidade.

Considerações finais

As remessas têm características muito mais amplas do que apenas o sustento económico da família no contexto estudado. Tentámos demonstrar, de modo sucinto, que o fluxo de dinheiro é uma verdadeira forma de parentesco articulada para estruturar a família à distância. Nos aspectos mais mundanos da vida íntima de uma família, o fluxo de dinheiro é um índice determinante da continuidade da relação quando um dos pais, ou mesmo os dois, estão ausentes. Essa presença tangível do dinheiro como relação explica um pouco da metáfora do fluxo de dinheiro como fluxo de sangue: o dinheiro está para o parentesco, nessas situações, como substituto da presença do ente ausente.

E vimos em duas situações específicas como essa presença tangível é importante na vida das pessoas: o caso da estabilidade da vida de um casal separado pela emigração e o caso dos bens totémicos que operam como substitutos tangíveis do ente ausente e *das suas vontades*. No primeiro caso esboçámos um desenho do perigo da fofoca, como instrução de desestabilização do projecto de um casal que apostou na emigração internacional. Demonstrámos que a ameaça da desonra ameaça o fluxo de dinheiro, impondo sempre riscos ao casamento. As mulheres nessa situação apostam em estratégias de legitimação do lar, levando outras mulheres para a sua casa – em geral, a mãe, mas às vezes a irmã e, em alguns casos, a sogra.

Vimos que a interrupção do fluxo de dinheiro é o sinal do fim das relações e dos planos iniciais, levando as mulheres a adoptar determinadas estratégias de legitimação do casamento «à distância». Essas são estratégias de dar a visibilidade de uma correcção moral à família do marido, tida como uma espécie de legítima fiscalizadora do comportamento da esposa. Por outro lado, vimos que o fluxo de dinheiro pode transformar-se em mercadorias ou que o fluxo pode dar-se em forma de mercadorias como presentes. Essa transformação do dinheiro em determinados bens totémicos opera um processo de enunciação constante do marido ausente: esses bens fazem do marido e pai algo tangível. Vimos duas ordens de bens, direccionados a duas ordens de relações: os bens «familiares», que são os destinados ao conforto da família mas também e principalmente destinados a dar a confirmação reiterada da existência da família, e os bens «educadores», aqueles que são destinados especialmente aos filhos, numa tentativa de demonstrar a preocupação do pai ausente com a educação e situação dos filhos. Os bens que «prenderiam» os filhos em casa são os mais comuns: computadores e *videogames*.

Há ainda outra ordem de bens, derivada dos bens «familiares», que são os presentes entre marido e mulher, que cumprem a mesma forma de «tangibilizar» o ente ausente: são presentes, como os celulares que mostrámos, indicativos de como os bens são formas importantes de comunicação de mensagens. No caso, os celulares são mensagens explícitas de um desejo de comunicação. Todos esses bens assumem um carácter de constituidores da família, por um lado. Por outro lado, se dão ciência aos membros da família de que ela continua a existir segundo os planos iniciais, dão ciência pública de que a família de facto existe. Os bens são mostrados, comentados e anunciados frequentemente entre amigos, conhecidos, parentes, que, vendo os bens, assumem também a existência contínua daquele núcleo familiar. Esse é o sentido totémico que os bens

podem atingir, como índices de existência contínua de um conjunto de relações colocado em risco pelos projectos migratórios.

Para os propósitos deste capítulo, vimos que a circulação do dinheiro aparece como meio pelo qual as famílias envolvidas nos processos de emigração atendem a uma exigência de legitimação entre a comunidade ao mesmo tempo que constroem o reconhecimento de pertença perante os seus membros. A necessidade de uma unidade centralizadora impulsiona os fluxos migratórios que, contraditoriamente, separam os membros do núcleo familiar. As estratégias familiares para suportar o momento desgastante referente à ausência, na maioria dos casos, do pai ou marido estão intimamente ligadas às remessas de dinheiro enviadas directamente do exterior.

Bibliografia

- Assis, G. O. 1999. «Estar aqui..., estar lá...: uma cartografia da emigração valadarense para os EUA». In *Cenas de Um Brasil Migrante*, orgs. Teresa Sales e Rossana Reis. São Paulo: Boitempo Editorial, 125-166.
- Carsten, Janet. 2004. *After Kinship*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Carsten, Janet, e Stephen Hugh-Jones, eds. 1995. *About the House: Lévi-Strauss and Beyond*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Collier, Jane Fishburne, e Sylvia Junko Yanagisako, eds. 1987. *Gender and Kinship: Essays toward a Unified Analysis*. Palo Alto: Stanford University Press.
- Damatta, Roberto, e Elena Soárez. 1999. *Águias, Burros e Borboletas, Um Estudo Antropológico do Jogo do Bicho*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Fonseca, C. L. W. 2007. «Apresentação. De família, reprodução e parentesco: algumas considerações». *Cadernos Pagu*, 29: 9-35.
- Fusco, Wilson. 2001. «Redes sociais nas migrações entre Governador Valadares e os Estados Unidos». In *Migrações Internacionais – Contribuições para Política*, org. CNPD. Brasília: CNPD, 427-455.
- Lévi-Strauss, C. 1986. *Minhas Palavras*. São Paulo: Brasiliense.
- Lévi-Strauss, C. 1999. «História e etnologia». *Textos Didáticos*, n.º 24.
- Machado, I. J. R. 2000. «Futebol, clãs e nação». *Dados*, vol. 43, n.º 1: 183-197.
- Machado, I. J. R. 2006a. «Laços de sangue e fluxo de dinheiro: notas sobre o parente ausente no contexto migratório transnacional Portugal/Governador Valadares». Comunicação apresentada na 25.ª Reunião Brasileira de Antropologia, 2006, Goiânia, 11 a 14 de Junho.
- Machado, I. J. R. 2006b. «Sobre bebês e totemismo». *Mana*, vol. 12: 389-418.
- Machado, I. J. R. 2009. «Interação das fronteiras e o ponto de vista etnográfico: dinâmicas migratórias recentes em Governador Valadares». *Horizontes Antropológicos*, vol. 15: 167-187.

- Machado, I. J. R., e A. G. de Almeida. 2007. «A distância dos filhos. Reflexões sobre núcleos familiares divididos pela migração». *Travessia*, vol. xx: 26-32.
- Machado, I. J. R., C. R. da Silva e V. H. Kebbe. 2008. «Notas sobre a família transnacional». *REMHU*, 30: 79-98.
- Machado, I. J. R., e E. S. Reis. 2007. «Algumas conclusões a cerca do fluxo de valadarenses para Portugal». *Teoria & Pesquisa*, vol. xvii, n.º 1: 153-166.
- Martes, A. C. B., e W. Soares. 2006. «Remessas de recursos dos imigrantes». *Estudos Avançados*, 57: 41-57.
- Peixoto, J., e A. V. M. Marques. 2006. *Análise do Mercado de Remessas Portugal/Brasil*. Lisboa: Cesó/CI.
- Rossi, P. L. 2007. «Remessas de imigrantes: estudo de caso de brasileiros em Portugal». In *A Imigração Brasileira em Portugal*, org. Jorge Malheiros. Coleção «Comunidades», n.º 1. Lisboa: ACIDI, 135-155.
- Sahlins, Marshall. 2003 [1976]. *Cultura e Razão Prática*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Schneider, D. 1968. *American Kinship: a Cultural Account*. Nova Jérсия: Prentice-Hall.
- Schneider, D. 1984. *A Critique of the Study of Kinship*. Ann Arbor: University of Michigan Press.
- Schneider, D., e J. Boon. 1974. «Kinship vis-a-vis myth contrasts in Levi-Strauss' approaches to cross-cultural comparison». *American Anthropologist*, vol. 76 (4): 799-815.
- Soares, W. 1995. «Emigrantes e investidores: redefinindo a dinâmica imobiliária na economia valadarense». Dissertação de mestrado em Planejamento Urbano e Regional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, Brasil.
- Soares, W. 1999. «Emigração e (i) mobilidade residencial: momentos de ruptura na reprodução/continuidade da segregação social no espaço urbano». In *Cenas de Um Brasil Migrante*, orgs. Teresa Sales e Rossana Reis. São Paulo: Boitempo Editorial, 167-192.
- Yanagisako, S., e C. Delaney. 1995. «Naturalizing power». In *Naturalizing Power*, eds. S. Yanagisako e C. Delaney. Londres: Routledge, 1-24.
- Yanagisako, S., e J. Collier. 1987. «Toward a unified theory of gender and kinship». In *Gender and Kinship*, eds. J. Collier e S. Yanagisako. Stanford: Stanford University Press, 14-50.